



EXPRESSO/CARTAZ - 30 de Janeiro de 1993

AMOR E DEDINHOS DE PÉ de Luís Filipe Rocha

Entre a vontade da história e a vontade da História, entre o desejo de narrar e o desejo de documentar, se tem passado a já longa (em tempo, que não em filmes) carreira de Luís Filipe Rocha. Lembremos que começou em **Barronhos - Quem Teve Medo do Poder Popular?**, em 1976, progrediu com **A Fuga**, em 1977, atingiu o zénite com **Cerromaior**, em 1978/80, tergiversou com uma aproximação a Jorge de Sena (**Sinais de Vida**), em 1983, a que se seguiu um silêncio longo, de cansaço pelo estado de coisas no cinema português: de algum modo, Luís Filipe Rocha fez o que quase todos os seus protagonistas desejam, ir-se embora, sair da moleza sufocante, de uma pressão social que traça limites e regras de conduta contra os quais – dizem os seus filmes – a revolta é insucedida. Do exílio voluntário por terras da América Latina e do Oriente, trouxe o realizador **Amor e Dedinhos de Pé**. Outra vez a retratar uma situação em que o peso social é mais forte que a vontade de libertação. Em Macau, como em Lisboa – será ironia ter dado a volta ao mundo para descobrir o mesmo? Ou é um cineasta que, quando é digno desse nome, carrega o seu mundo consigo?

A verdade é que **Amor e Dedinhos de Pé** é uma ficção muito perto da obra anterior de Luís Filipe Rocha: há que falar em coerência. Por outro lado, é um filme cujos meios de produção (fala-se em 500 mil contos de orçamento) excedem o que é usual no cinema português, o que só o recurso à co-produção, e o facto das patacas governamentais macaenses serem mais pródigas que os escudos que brotam de S. Pedro de Alcântara, tornou possível – e o dinheiro 'vê-se' no filme. Não é possível, sem algum conforto financeiro, uma cuidada reconstituição, um trabalho amplo de cenografia, um certo refinamento plástico (onde a fotografia de Eduardo Serra é pedra angular). Mas há coisas que o dinheiro não consegue.

O dinheiro (e o talento do realizador e dos colaboradores de que se rodeou) foi bastante para erguer um filme sólido, carpinteirado com aprumo industrial, aquilo a que chamamos uma boa história razoavelmente contada ou, para utilizarmos uma expressão comum, tão corrente quanto detestável, uma fita que não envergonha por comparação com o que fazem os estrangeiros.

Se o objectivo era esse, Luís Filipe Rocha atingiu-o – e não serão alguns problemas de pormenor (a cena do baile, a voz de Maria Vieira para uma das tias, o desajuste de Omero Antonutti com a voz de Canto e Castro & etc.) que obliteram a sensação genérica de obra escorregada. Creio, todavia, que, mais que esse padrão internacional médio, importa ao cinema português alguma especificidade, alguma diferença. E, neste ponto, **Amor e Dedinhos de Pé** sabe a pouco. (JLR)

